



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – 2019

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NEGRA: MUDANÇAS E PERSPECTIVAS EM FACE DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA.

Juliana de Freitas Silva¹; José Raimundo Oliveira Lima²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Ciências Econômicas , Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: julysofia.freitas@mail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas , Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: zeraimundo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: economia popular solidária; trabalho; mulher negra.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa realizada com o grupo produtivo Sabores do Quilombo acompanhado pelo Projeto Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana – IEPS/UEFS, atualmente em processo de incubação. Apresenta os seguintes objetivos: analisar o processo de organização do trabalho a partir da experiência das mulheres negras do Grupo Sabores do Quilombo no contexto da economia popular e solidária; analisar a percepção dessas mulheres com relação ao processo de organização do trabalho do grupo; investigar e compreender a relação dessas mulheres nos espaços familiar e do trabalho.

No primeiro momento, vamos definir o que é processo de incubação, incubadora, economia popular e solidária e sua intersecção com a organização do trabalho das mulheres negras, e em seguida, apresentaremos as atividades realizadas com o grupo Sabores do Quilombo a partir dos objetivos propostos, metodologia, resultados ou análise e discussão dos resultados, por fim trataremos as considerações finais. Os encontros, espaços dialógicos fundamentais do trabalho metodológico, realizados no decorrer da pesquisa aconteceram no bojo do processo de incubação da IEPS/UEFS, que é definido como

[...] um processo político, prático-educativo de organização e acompanhamento sistêmico ou assessoria a grupos de pessoas interessadas em participar de uma outra economia, a economia popular e solidária (LIMA, 2015, p. 05).

Propõe compartilhar saberes entre a universidade e a comunidade, por meio do trabalho que é desenvolvido nas cantinas solidárias da UEFS por vias de formações e roda de conversas realizado pela Incubadora “um espaço para a produção, socialização e comunicação de saberes, conhecimento técnico e científico para as iniciativas populares e solidárias” (LIMA, 2015, p.05). Assim, a IEPS/UEFS é um programa de pesquisa e extensão, cadastrado na Pró-reitoria de Extensão pela resolução do CONSEPE 150/2010 e na Pesquisa pela resolução do CONSEPE 116/2010, desenvolve suas atividades pautada na lógica do desenvolvimento local.

Singer (2002) é o autor mais citado e mais criticado no que tange a economia solidária, o autor afirma que as contradições inerentes ao sistema capitalista criaram as condições para a economia solidária e postula a intervenção estatal para financiar e apoiar as organizações solidárias

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica (SINGER, p.10,2002).

Já França Filho (2007), analisa a economia solidária como um novo fenômeno ou ainda concepção de tecnologia social e política pública sendo que

[...] esta é a modalidade mais recente de tratamento do assunto, que vem ganhando status de política pública em função das inúmeras experiências já disseminadas em diferentes partes do país, no interior das estruturas de governo, e também em outros países. Neste nível, discute-se o caráter desse gênero novo de política pública, bem como seus efeitos e resultados alcançados (FRANÇA FILHO, p.157,2007).

Nessa concepção a economia solidária não busca romper com o capitalismo e assim como Singer (2002) acredita no papel do Estado como principal fomentador e apoiador dessas políticas, pauta a economia solidária como uma Economia Plural.

Na visão de Coraggio (2002) trata-se sobre economia popular, este autor analisa o contexto da América Latina. Semelhante a Coraggio (2002) é Razeto (1997) analisa em duas vertentes teórico e prático. Prático por que é uma manifestação da sociedade e teórico por que tem autores teorizando sobre essas manifestações segundo esse autor a economia popular seria

[...] a resposta dos setores populares, dos trabalhadores, de suas famílias, de suas comunidades? Em geral, são respostas de sobrevivência. Fundamentalmente, contam com seu trabalho, às vezes, contam com outros recursos – uma loja, algumas máquinas, algumas ferramentas – mas, basicamente, o principal capital é sua capacidade de trabalho (CORAGGIO, p. 68, 2002).

Quando se observa a economia popular (informal), ver-se que é composta majoritariamente por mulheres negras, então a questão que está posta é, essas formas de trabalho foram uma herança histórica, ou é como aponta a maioria dos autores de economia popular e solidária uma reação das/os trabalhadoras/es à reestruturação do capital?

As mulheres quitadeiras, vendadeiras e ou ganhadeiras, como eram chamadas as mulheres que desenvolviam o ofício de comércio de rua - mulheres livres ou libertas; e escravas de ganho – mulheres escravas, como afirma Selma Pantoja (2005)

No Brasil, no século XIX, as chamadas quitadeiras, eram algumas mulheres negras livres ou escravas que se dedicavam ao comércio de legumes e frutas e para isso se instalavam nas praças [...] os mercados das cidades eram os seus locais de vendas (PANTOJA, p.4,2000).

O termo *Kitanda* significa mercado ou feira, tem origem dos povos de língua bantu e Angola. Nas sociedades africanas essas atividades eram de exclusividade feminina, como aponta Gomes e Soares (2002)

Podemos afirmar que quitanda é uma invenção social dos povos bantos da África Central, que sofreu mutações na diáspora atlântica, mais especificamente no Brasil, com duas diferenciações básicas: na África a quitanda é um ofício exclusivamente feminino, enquanto no Brasil há presença de quitandeiros homens (GOMES; SOARES, p.8, 2002).

O legado de organização econômica, social e política ecoa até os dias de hoje na sociedade brasileira, as feiras livres, por exemplo, é a prova da presença na história brasileira das quitadeiras, ganhadeiras e vendadeiras.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa é orientada pelo processo de incubação da IEPS/UEFS que adota o método da pesquisa participante, conforme Brandão (1999),

Não há modelos únicos e não há usos normativos de tipos de pesquisa participante. Ela é um instrumento dentro da ação popular. O papel do intelectual (o educador, o cientista social, o agente de mudança) é o de ser um ouvinte atento das decisões dos movimentos populares, ou de necessidades comunitárias efetivas. [...] Quando as pessoas do povo vêm participar dela, há de ser porquê de algum modo ela já faz parte de suas práticas, de seus projetos de classe e é, por isso, participante (BRANDÃO, 1999, p.252).

Assim, os grupos que fazem parte do Projeto Cantina Solidária da UEFS seguem a metodologia de incubação que é composto pelas seguintes fases: pré-incubação, incubação e desincubação Nunes (2009). A pesquisa participante e o processo de incubação são complementares, ao passo que o segundo precisa que haja um acompanhamento sistêmico dos grupos, o que facilita a pesquisa participante.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

As rodas de conversas foi o recurso pedagógico que possibilitou o desenvolvimento do plano de trabalho conforme define Mélo et al. (2007)

A Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro (MÉLLO, p.30, 2007)

As rodas de conversas foram realizadas antes os dias 28 de abril de 2018 e 24 de janeiro de 2019 intercalavam entre dia de sábado e sexta-feira, aos sábados era pela manhã e as sextas-feiras pelas tardes. Participavam desses encontros as 12 mulheres integrantes do grupo Sabores do Quilombo, atualmente em processo de incubação pelo Projeto Cantina Solidária III que desenvolve as atividades de produção e comercialização de alimentos no Módulo I do *campus* da UEFS desde 2016.

Na primeira roda de conversa realizamos uma avaliação do processo de incubação momento em que falamos sobre a continuidade do processo de incubação e foi oportuno para o grupo fazer uma reflexão. Distribuímos três cartelas nas cores, vermelha que significava questões desfavoráveis; amarela questões para atenção e verde questões favoráveis. Ao final da discussão as cores que tiveram maiores destaques formam as amarelas e as vermelhas, entre as questões levantadas pelas integrantes foram; falta de diálogo, desperdício, pouca solidariedade no grupo, falta de confiança em relação ao financeiro, uma integrante lembrou o início do processo de incubação e disse que “muitos aprendizados foram perdidos” (*sic*).

Na segunda roda de conversa foi feita a retomada dos principais pontos do último encontro e elaboramos um calendário formativos para retomar os conceitos iniciais do processo de incubação. Na terceira roda de conversa iniciamos com a leitura do poema Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo, momento em que as mulheres compartilharam sobre as relações familiares, depois continuamos com a leitura do termo de compromisso assinado entre o grupo sabores do quilombo e IEPS/UEFS. A quarta roda de conversa demos continuidade a leitura do termo de compromisso e na sexta roda de conversa foi a conclusão da leitura. As duas últimas rodas de conversas foram para levantar demandas para 2019 e fazer o planejamento das atividades.

Ao final das atividades foi possível perceber que existe uma lacuna entre o que se escreve sobre economia popular e solidária e o que de fato esta realidade é para a maioria das pessoas que desenvolvem esse tipo de atividade, principalmente as mulheres negras. Princípios como autogestão, por exemplo, é o que causa os conflitos internos do grupo, ao

conversar com as integrantes o que se percebe é que há uma ausência de responsabilidade coletiva na divisão e execução das tarefas do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses encontros possibilitaram uma maior apropriação do universo das mulheres do grupo bem como atender aos objetivos propostos, deduzimos que a forma de organização do trabalho da economia popular e solidária, mesmo que sutilmente possibilitou à essas mulheres uma maior apropriação sobre suas vidas, isso fica evidente em uma fala de uma das integrantes, que diz que o processo de incubação despertou nela o desejo de estudar e assim conseguiu passar num vestibular de uma Universidade Pública.

Percebe-se que a literatura que trata sobre economia popular e solidária na sua grande maioria coloca-a como elaboradora de um “modelo” deslocado da realidade e isso foi percebido no desenvolvimento do processo de incubação.

As leituras sobre quitadeiras demonstram que as atividades que predominam no contexto da economia popular e solidária têm raízes africanas. Num país de herança escravista, ao observar as iniciativas populares é impossível não associá-lo ao processo de desenvolvimento econômico do Brasil. Portanto, a literatura que trata sobre economia popular e solidária ao desconsiderar esse fato histórico, impõe um “modelo” que não condiz com o próprio processo de formação econômico do Brasil.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Participar - pesquisar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999. cap. 1, p. 7-14.

CORRAGIO, J. Distintos conceitos para o entendimento da Economia Solidária. In: *Bahia Análise & Dados*, Salvador - Bahia, v. 12, n.01, p. 35-47, 2002.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. *Teoria e Prática em Economia Solidária. Problemática, desafios e vocação*. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan./jun. 2007.

GOMES, Flávio dos Santos; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. Dizem as Quitadeiras...”Ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.3-16, jul/dez. 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/107623>>. Acesso em: 10 ago. 2019

LIMA, José Raimundo Oliveira. Incubação: processo educativo estabelecido entre incubadora Universitária e os agentes ou iniciativas de economia popular e solidária e desenvolvimento local. In: Xxx Congresso De La Asociación Latinoamericana De Sociología, 2015, San José. *Acta académica - Memoria de ponencias*. Costa Rica, 2016. p. 1 - 12. Disponível em: <<http://sociologia-alas.org/congreso-xxx/ponencias>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

LIMA, Jose Raimundo Oliveira; QUEIROZ, Elianne Paraiso de; SILVA, Juliana de Freitas. A economia popular e solidária sob a representação social das mulheres trabalhadoras da Comunidade Quilombola de Lagoa Grande – Feira de Santana – BA. *Revista Extensão & Cidadania*, v. 5, n. 9, p.1-12, 30 dez. 2018. UESB. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/recuesb/article/view/4599>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

MÉLLO, Ricardo Pimentel et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 3, p.26-32, dez. 2007. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/dxyqnw>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

NUNES, Débora. *Incubação de empreendimentos de economia solidária: uma aplicação da pedagogia da participação*. São Paulo: Annablume, 2009.

PANTOJA, Selma. Conexões e Identidades de Gênero no caso Brasil e Angola - Séculos XVIII-XIX. In: X Congresso Internacional Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia Face à Globalização, 2000, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

RAZETO, M. Luis. O Papel Central do Trabalho e a Economia de Solidariedade. *Revista Proposta*, Rio de Janeiro, v. 75, n. 26, p.91-99, dez/fev. 1997/98.

SINGER, Paul. *Introdução à economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. *Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/UEFS)*. Feira de Santana: IEPS, 2012.